

As principais dificuldades e transtornos de aprendizagem ao iniciar a alfabetização

Joice Lidiane Wildner¹
Ingrid Sturmer Ingrassia²

Resumo: O presente texto foi escrito a partir da proposta de elaboração de um ensaio acadêmico para o Curso de Pedagogia. O mesmo busca conhecer algumas dificuldades e transtornos de aprendizagem que os alunos podem apresentar ao ingressar no Ensino Fundamental quando inicia o processo de alfabetização. Além de conhecer um pouco mais sobre a temática, o presente estudo traz algumas das experiências e disciplinas que se tornaram relevantes durante o curso de Pedagogia, bem como, pensar sobre as prospecções futuras enquanto pedagoga.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Transtornos de Aprendizagem. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Alfabetização.

Abstract: *The present text was written from the proposal of elaboration of an academic essay for the Pedagogy Course. The same seeks to know some difficulties and learning disorders that students may present when entering Elementary School when they start the literacy process. In addition to knowing a little more about the subject, the present study brings some of the experiences and disciplines that became relevant during the Pedagogy course, as well as thinking about future prospects as a pedagogue.*

Keywords: *Learning difficulties. Learning Disorders. Early Years of Elementary School. Literacy.*

Introdução

O presente trabalho trata-se de um ensaio acadêmico. O gênero aqui apresentado vem propor uma escrita subjetiva que tece exigências da academia (sobre apropriações teóricas), sendo, conforme Paviani (2010) um gênero textual muito promissor, pois devido a sua extensão textual é possível

¹ Graduada do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação a distância do Centro Universitário Cenecista de Osório – UNICNEC.

² Mestre em Educação. Professora orientadora da disciplina de Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia EAD.

desenvolver um bom texto em tempo relativamente menor que um artigo científico.

Neste ensaio, abordo as principais dificuldades e transtornos de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental em que o foco do trabalho é a alfabetização, analisando as características e importância de um planejamento adequado para atender às necessidades dos educandos. As dificuldades de leitura e escrita são muito comuns e prejudiciais ao desenvolvimento dos alunos, tornando-se um desafio para os educadores.

A escolha da temática partiu das experiências práticas vividas no decorrer do curso de Pedagogia e do trabalho como Assistente de Alfabetização, onde foi possível perceber que muitos alunos da rede municipal de ensino enfrentam problemas de aprendizagem durante a alfabetização.

Entender as dificuldades e transtornos, bem como, atuar sobre eles pode contribuir para o desenvolvimento desses alunos. O educador precisa estar preparado, saber identificar as dificuldades que o aluno está enfrentando, conhecer seu histórico e rever estratégias para ajudar no aprendizado do mesmo.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em autores como Chabane (2006), Déda (2016), Silva (2013), Petrolino (2007), Santos (2009), Novaes (1970), Oliveira (2017), Silva (2010), com o objetivo de apresentar algumas ideias de cada um deles sobre o tema proposto.

No primeiro capítulo abordo sobre as dificuldades e transtornos de aprendizagem, baseado na fundamentação dos autores citados. O segundo capítulo apresenta um breve relato sobre as vivências no decorrer do curso de Pedagogia, contextualizada com alguns autores e o tema tratado no capítulo anterior. O terceiro capítulo aborda a motivação para a realização do curso de Pedagogia, a importância desse curso para a vida profissional e os objetivos após a conclusão do curso.

Dificuldades e transtornos de aprendizagem no processo de alfabetização

Estudar e compreender as dificuldades e transtornos de aprendizagem que os alunos apresentam atualmente é essencial para o educador, pois isso irá auxiliá-lo na escolha da metodologia que será utilizada no trabalho de alfabetização. Chabane (2006, p. 12), conceitua dificuldade da seguinte forma: “o procedimento de uma pessoa em relação a um objetivo. A dificuldade se manifesta quando, em sua trajetória, a pessoa encontra obstáculos.” A dificuldade de aprendizagem pode estar relacionada a vários fatores e:

a origem das dificuldades de aprendizagem nas crianças não é apenas de cunho psicológico, social, cognitivo ou afetivo. A metodologia adotada pelo/a docente pode também interferir no rendimento escolar, ainda mais se não forem adequadas para lidar com a heterogeneidade de estudantes e suas múltiplas culturas. (2018, p. 19)

Dessa forma, as dificuldades encontradas durante o processo de alfabetização podem ser apenas obstáculos a serem superados mas, para que isso aconteça, é necessário que seja analisada, também, a história do aluno.

A maioria das crianças já tem contato com o mundo letrado antes mesmo de ir à escola através das mídias, livros, brinquedos etc. O primeiro contato formal com a com letras e números acontece durante a Educação Infantil, onde os professores apresentam aos poucos e de forma lúdica. Mas é com a chegada ao Ensino Fundamental que este ensino e aprendizagem irá ocorrer de forma efetiva. Nesta etapa algumas crianças vão construindo o seu conhecimento, enquanto outras já começam a encontrar dificuldades no aprendizado.

As dificuldades de aprendizagem podem acontecer tanto em instituições públicas, quanto privadas e Déda (2016) cita alguns fatores que podem atrapalhar o aprendizado nas instituições públicas:

Na escola pública atual o alfabetizando infantil do 1o ano do ensino fundamental apresenta dificuldades na alfabetização, não consegue desenvolver a escrita e assimilar as letras, é lento no raciocínio e tem pouco interesse em aprender, falta muito às aulas e não consegue acompanhar o conteúdo programado pela professora ou muitas vezes não se alimenta antes de ir à escola, ficando desmotivada, preocupada apenas com a hora do lanche, o que prejudica o aprendizado. (DÉDA, 2016, p. 05)

Esses seriam apenas alguns casos em que a falta de interesse pela aula faz com que o aluno se preocupe apenas com as brincadeiras do recreio ou da Educação Física, por isso, as atividades para esses momentos devem ser planejadas, acompanhadas e, preferencialmente, lúdicas.

Durante as atividades lúdicas propostas para as crianças, é necessário priorizar o desenvolvimento de atitudes favoráveis à aprendizagem, ou seja, o alfabetizando precisa ser acompanhado em suas atividades recreativas pelos docentes para que extraiam da brincadeira oportunidades que lhes proporcionem êxito em sua atividade alfabetizadora. (DÉDA, 2016, p. 07)

Isso explica a importância do professor estar atualizado e disposto a qualificar suas práticas para trabalhar com alunos que apresentam dificuldades. Para Petrolino (2007) a prática deve ser sempre revista, o docente precisa avaliar suas práticas constantemente.

O professor não deve simplesmente encaminhar os alunos com dificuldades para algum tipo de atendimento ou tratamento, segundo Silva (2013) ele deve estudar as hipóteses e compreender a evolução da criança.

Conforme mencionado anteriormente, conhecer a história do aluno é muito importante. É necessário convidar os pais desses alunos para participarem desse processo de avaliação formando, assim, uma interação entre a família e a escola, como aponta Silva (2013).

Petrolino (2007, p. 27) afirma: “Aquele criança que não adquire conhecimentos num ritmo semelhante ao dos colegas deve ser acompanhada

de perto.” Portanto, é fundamental a participação de todos os envolvidos para, juntos, encontrar um caminho a seguir. O autor (ibidem) também diz que a falta do contato com materiais como revistas, jornais, livros, etc., no ambiente externo ao escolar, pode ser um dos fatores que implicam nas dificuldades de aprendizagem, pois essas crianças não são estimuladas fora da escola.

Além das dificuldades que podem estar relacionadas a diferentes motivos (questões emocionais, metodologia de ensino, etc.) temos os transtornos de aprendizagem. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (2014):

o transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão. (APA, 2014, p. 68)

Conforme Santos (2009) o transtorno mais recorrente na atualidade é a dislexia. Porém, “é necessário estarmos atentos a outros transtornos e dificuldades como: disgrafia, disortografia, discalculia, dislalia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade)” (SANTOS, 2009, p. 11). Novaes (1970, p. 229) conceitua a dislexia da seguinte forma: “O termo dislexia aplica-se, em geral, às dificuldades de aprendizagem da leitura relacionadas à identificação, compreensão e interpretação dos símbolos gráficos da leitura”.

A criança disléxica apresenta dificuldades em distinguir os fonemas parecidos, pula linhas durante a leitura e, conseqüentemente, terá dificuldades na ortografia, pois troca ou omite letras e inverte as sílabas. Porém, Novaes (1970) aponta que não apresenta tantas dificuldades com os números, pois a fonética dos mesmos não possui tantos problemas.

Oliveira (2017) descreve a dislexia como um distúrbio genético que atinge as habilidades neurológicas, prejudicando a leitura e a escrita.

É importante verificarmos, que a dislexia não é uma doença mas, sim, um distúrbio/dificuldade de aprendizagem, relacionada à genética, a qual a pessoa já nasce com ela, sendo a mesma hereditária. Certamente, tal dificuldade, atinge as habilidades neurológicas da criança, desfavorecendo o desempenho fonológico da leitura, da escrita e da soletração. Onde, as dificuldades de codificar e decodificar o símbolo gráfico e as palavras mais simples torna-se para as crianças sérios obstáculos a serem enfrentados, obstáculos esses, que comprometem negativamente o ensino-aprendizagem dos educandos disléxicos. (OLIVEIRA, 2017, s/p)

As disgrafias são distúrbios da escrita e segundo Novaes (1970), podem ser caracterizadas por quatro tipos: rigidez do traçado; relaxamento gráfico; impulsividade e instabilidade no traçado; esforço excessivo de precisão e lentidão. Nesse caso, as letras são ilegíveis e muito próximas, ou muito grandes, ultrapassando as linhas e margens.

Outro transtorno é a disortografia. Segundo Oliveira (2017) é a incapacidade de escrever corretamente a linguagem oral:

Disortografia é uma dificuldade na escrita, caracterizada pelas trocas de fonemas na prática da escrita, com omissões de letras, confusão na concordância de gênero, de números, acompanhados de erros sintáticos grosseiros e uso irregular da pontuação, parágrafos e acentuação na hora de escrever um texto. (OLIVEIRA, 2017, s/p)

Essa dificuldade apresenta-se a partir do 2o ano do Ensino Fundamental, pois aparece no momento em que a criança começa a fazer suas produções escritas apresentando erros ortográficos.

A discalculia, apesar de ser um transtorno relacionado à matemática, também pode se apresentar no período de alfabetização. Este transtorno consiste na dificuldade que o aluno apresenta com os números, não reconhece as

quantidades e não consegue realizar cálculos simples. Oliveira (2017) aponta que as crianças:

apresentam um ritmo muito lento no ensino matemático, onde, muitas vezes os educandos usam os dedos para contar os números ou realizar uma pequena conta. Analisa-se, que esse é um problema muito sério em matemática, e certamente, afeta muitos discentes em sala de aula. (OLIVEIRA, 2017, s/p)

O aluno com discalculia não entende o significado da contagem e não reconhece os símbolos numéricos, não identifica os sinais das operações e, dessa forma, não sabe como usá-los corretamente, o que atrapalha na realização dos cálculos. Essa dificuldade se estende pela vida adulta, fazendo com que o sujeito não consiga realizar tarefas simples como a contagem do dinheiro.

Temos, também, o transtorno que se chama dislalia. Silva (2010) define a dislalia como:

um distúrbio da fala que se caracteriza pela dificuldade de articulação de palavras: o portador da dislalia pronuncia determinadas palavras de maneira errada, omitindo, trocando, transpondo, distorcendo ou acrescentando fonemas ou sílabas a elas. (SILVA, 2010, p. 17)

Muitas vezes a dislalia acontece pela maneira como os pais falam com a criança desde bebê, não mudando esse hábito depois que a ela começa a crescer. Apesar de ser um problema da fala, a dislalia também pode interferir na escrita, pois a criança escreve aquilo que fala.

O transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) é descrito por Silva (2005, p. 01) e “se caracteriza por desatenção, hiperatividade e impulsividade, podendo haver predomínio de qualquer um desses sintomas. [...]”. O TDAH é muito comum, é um transtorno de causa genética que surge na infância e se estende pela vida adulta, e conforme Silva (2005) relatou, um dos sintomas pode se manifestar de forma mais expressiva que os outros.

Para Chabane (2006), em alguns casos o aluno é pouco motivado, fica agitado, e por isso se torna importante o trabalho em conjunto, família e escola, para que consigam despertar no aluno o interesse em aprender.

Enfim, cada aluno possui sua própria caminhada e uma maneira diferente de se desenvolver. O professor precisa estar atento e procurar atender cada um deles conforme a sua necessidade respeitando suas habilidades, capacidades e potenciais.

Estudar Pedagogia à distância: um trabalho que exige dedicação e determinação

Durante o período em que cursei Pedagogia na modalidade Educação à Distância (EAD) tive o privilégio de conhecer, virtualmente, ótimos professores preparados para ensinar através do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e, por meio deste ambiente, ajudar-nos sempre que necessário. O contato com os colegas também foi majoritariamente no espaço virtual, durante os fóruns das disciplinas, pois nem sempre os horários das provas presenciais coincidiam.

Cursar Pedagogia na modalidade EAD exigiu dedicação, organização e estudo. A cada ano de curso, experiências diferentes foram vividas.

Iniciei o curso com as disciplinas de Alfabetização e Letramento e Educação Infantil que, com certeza, trouxeram muito aprendizado. Através da disciplina de Educação Infantil tive a base para o estágio que seria realizado futuramente. Já na disciplina de Alfabetização e Letramento tive o suporte para o trabalho que realizei no Programa Mais Alfabetização.

Inicialmente, refleti sobre a responsabilidade que um professor deve ter ao alfabetizar alunos, que poderia ser uma tarefa muito difícil mas, no decorrer da disciplina, percebi que existem muitas estratégias para o professor realizar o seu trabalho. Percebi que os desafios são muitos, algumas crianças apresentam várias dificuldades nesse processo, e naquele momento não tinha ideia de quais eram essas dificuldades. Foi então que me interessei em saber

como poderia enfrentar os desafios de ensinar esses alunos na atualidade. Talvez esse tenha sido o momento em que comecei a refletir sobre um tema de possível pesquisa.

O Estágio Supervisionado na Educação Infantil foi realizado no segundo ano de curso. Realizei em uma escola da rede municipal, com uma turma de Pré-escola. Foi uma experiência ótima, adorei trabalhar com as crianças dessa faixa etária. Os projetos trabalhados foram sobre hábitos de higiene e alimentação saudável. Percebi que os alunos gostaram muito das atividades propostas e conseguiram aprender sobre o que foi ensinado.

Além das atividades lúdicas, realizei atividades envolvendo letras e números, através de pintura, colagem e contagem e, nessa primeira experiência prática, eu consegui perceber que alguns alunos apresentavam dificuldades para realizar as tarefas propostas, alunos que talvez encontrariam dificuldades no ano seguinte, pois não estavam desenvolvendo o aprendizado como o esperado.

A disciplina de Planejamento Educacional contribuiu bastante para o planejamento dos estágios e, com certeza, ajudará futuramente durante o exercício da profissão. Conforme Libâneo (1994, p. 222): “O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. (...)”

Durante o meu trabalho como Assistente de Alfabetização também era necessário que eu fizesse o planejamento das aulas que seriam aplicadas, sempre levando em conta as orientações das professoras regentes e o cuidado para atender as dificuldades que os alunos apresentavam.

O professor que possui alunos com dificuldades de aprendizagem precisa ter um planejamento diferenciado para esses alunos, levando em consideração as características que os mesmos apresentam.

Nesse mesmo ano, realizei o Estágio Supervisionado em Espaços não Escolares em uma turma de catequese da comunidade do bairro em que participo. Foi uma experiência diferente, pois trabalhei com adolescentes e as

atividades foram diferenciadas; utilizei várias dinâmicas durante as aulas, o projeto trabalhado foi “Eu e o outro”.

Durante as atividades conversávamos sobre os assuntos apresentados, cada um tinha a oportunidade de dar sua opinião, o que é muito importante, segundo Zitkoski (2010):

A dialogicidade é a prática do diálogo radical, que mantém viva a dialeticidade entre ação e reflexão. Essa prática dialógica e dialética da nossa vida concreta é uma exigência primordial do ser humano por ser a própria vocação de nossa espécie radicalmente aberta ao mundo e, por isso mesmo, é histórica, incompleta e sedenta de humanização. É pelo diálogo, que implica uma atitude de vida, que os homens e mulheres constroem um mundo mais humano, refazendo o que já existe e projetando um futuro que está por realizar-se. (ZITKOSKI, 2010, p. 20)

Nesse mesmo ano, realizei o Estágio Supervisionado no Ensino Médio Normal, Gestão e Serviços de Apoio, onde escolhi a área da supervisão educacional de uma escola municipal para realizar a observação. O tema do meu trabalho foi “Dificuldades de Aprendizagem”, pois percebi que a coordenadora estava fazendo um trabalho de reforço com alunos em fase de alfabetização.

A turma com a qual a coordenadora realizava esse trabalho de reforço estava no primeiro ano do Ensino Fundamental e a maioria dos alunos não estavam aprendendo conforme era esperado, pois muitos não sabiam identificar as letras do alfabeto e nem conheciam os números, tornando-se necessário o reforço escolar para identificar as dificuldades de cada aluno e, dessa forma, ajudá-los.

Com a realização desse trabalho percebi que realmente poderia fazer uma pesquisa nessa área, pois acredito que seja fundamental para o professor conhecer os desafios que poderá enfrentar em sua prática e encontrar métodos para desenvolver um bom trabalho, priorizando as habilidades e dificuldades que cada aluno apresenta.

Outras disciplinas interessantes foram Estatística e Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática com ideias lúdicas para serem trabalhadas em sala de aula. Acredito que com uso de bons métodos o ensino da Matemática pode-se tornar mais interessante para os alunos, principalmente para aqueles que possuem dificuldades na aprendizagem com cálculos.

Em relação ao ensino de Matemática Sadovsky (2010, p. 55) diz o seguinte:

Pensar a sala de aula como um contexto no qual se desenvolve a atividade matemática requer também pensar em condições para que os alunos sejam levados a formar conjecturas, procurar formas de validá-las, produzir argumentos dedutivos, arriscar respostas para as questões que se formulam, criar formas de representação que contribuam para chegar às soluções que se buscam, reformular e reorganizar os velhos conhecimentos à luz dos novos conhecimentos produzidos, generalizar as ferramentas que vão surgindo e também definir os seus limites.

O Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais foi realizado no terceiro ano de curso em uma turma de terceiro ano da rede municipal. Durante a realização do estágio encontrei algumas dificuldades, pois a turma era muito agitada e algumas das atividades propostas não foram realizadas conforme o planejado.

Nessa turma também percebi que, apesar de estarem cursando o terceiro ano, alguns alunos apresentavam dificuldades na leitura e na escrita, dificuldades essas que poderiam estar relacionadas com o presente trabalho. A partir dos conceitos da pesquisa que realizei, acredito que uma das alunas poderia apresentar dislalia; ela tinha dificuldade de ler e pronunciar algumas letras, sendo que fui informada que a mesma era atendida por uma fonoaudióloga.

Os outros dois alunos que apresentavam dificuldades de leitura, segundo a professora regente, não eram motivados em casa para estudar, dessa forma não havia interesse em aprender por parte dos mesmos. Com relação aos

outros alunos que apresentavam algumas dificuldades, as mesmas não prejudicavam de forma significativa o desenvolvimento deles.

As disciplinas de Fundamentos e Metodologias do Ensino de Geografia e de História foram cursadas no terceiro e quarto anos de curso. Gostei muito pois aprendi que atualmente essas disciplinas são apresentadas de uma maneira mais contextualizada, pois na época em que cursei o Ensino Fundamental eram baseadas na “decoreba”.

Zucchi (2012) aponta que, atualmente, os livros de História apresentam características diferentes incluindo, além do que já existia, aspectos culturais, fragmentos de documentos, fotografias etc. A disciplina é vista como uma oportunidade para desenvolver o senso crítico dos alunos relacionando o presente e o passado.

Os livros didáticos de diferentes séries do Ensino Básico ensinavam o estudo de História de maneira linear, cronológica, com base em “verdades únicas”, priorizando aspectos políticos e econômicos. Não tratavam de questões sociais e culturais, quase não tinham imagens ou não apresentavam documentos históricos; além disso, o conhecimento histórico tendia a ser tratado de modo acrítico. (ZUCCHI, 2012, p. 53)

Em relação aos métodos que podemos utilizar para avaliar os alunos, também foi um conteúdo importante, devemos avaliar nossos alunos constantemente e também nos avaliar como profissionais. Rever nosso planejamento e se os métodos utilizados estão tendo o resultado esperado, principalmente, o professor que possui alunos com dificuldades, pois estes necessitam uma atenção maior no planejamento. Conforme Coll (1998, p. 149):

Além de facilitar o ajuste entre a ajuda pedagógica fornecida e as necessidades dos alunos, a avaliação ainda tem outra finalidade: determinar se foram ou não alcançadas, e até que ponto, as intenções educativas que estão na base e na origem da intervenção pedagógica. (...)

No decorrer do curso aprendi que podemos fazer uso de diversos recursos, as mídias podem contribuir muito para o ensino, desde que utilizadas de modo

correto, e o professor é o responsável por instruir seus alunos quanto a isso. Freire (1996, p. 52) já dizia que enquanto educadores “não apenas não podemos desconhecer a televisão mas devemos usá-la, sobretudo, discutí-la.”

Enquanto cursava Pedagogia tive a oportunidade de trabalhar como estagiária em uma rede municipal na função de monitora de creche e, posteriormente, monitora de duas alunas que necessitavam de atendimento especial. Uma delas possuía autismo em grau leve, e precisava ajuda para realização de atividades em sala de aula. A outra aluna precisava de mais cuidado pois, além de não conhecer letras e números, necessitava de cuidados físicos.

Trabalhei por algum tempo como Assistente de Alfabetização no Programa Mais Alfabetização, onde dava aulas de reforço para alunos com dificuldades na aprendizagem. Foi muito gratificante porque, além da experiência que tive em sala de aula, me alegrava quando os alunos começavam a ler suas primeiras palavras, frases e textos.

Alguns dos alunos não conseguiram evoluir muito no período em que trabalhei com eles e acredito que esses seriam alguns dos casos que citei no capítulo anterior. Para dar um diagnóstico mais preciso seria necessário um profissional especializado.

Em toda experiência que tive e a partir dessa pesquisa percebi que tive alguns alunos que poderiam apresentar dislalia e disortografia sem contar, é claro, da falta de incentivo por parte de algumas famílias. Refletir sobre o que aprendi até aqui e entender o que pode estar acontecendo com os alunos durante a aprendizagem faz muita diferença, é muito importante e enriquecedor para a carreira que pretendo seguir, pois poderei auxiliá-los da forma correta.

Os Trabalhos de Conclusão I e II ficaram para o último ano de curso e o tema escolhido foi Dificuldades de Aprendizagem no Processo de Alfabetização, justamente, por ter presenciado durante o trabalho prático. Enfim, foram

quatro anos de esforço, estudo, muito conhecimento adquirido, muitas experiências e, com certeza, uma etapa que marcou minha vida.

Experiências Profissionais

Desde minha oitava série, hoje nono ano, acreditava ser professora. Desenvolvia atividades extras para os colegas que demonstravam dificuldades no conteúdo. No decorrer do tempo percebi que realmente essa profissão que seguiria.

Terminando a graduação, e iniciando a pós-graduação verifiquei a importância do ensino da Matemática nos Anos Iniciais. O artigo da pós-graduação referente a raciocínio lógico, escrito a partir das dificuldades apresentadas desde a Educação Infantil.

Ao desenvolver aulas para turma de sexto ano, percebi que neste ano em questão se assustam com quão novo é o mundo que os cerca, referente ao contexto matemático. Fórmulas, algarismos, desenhos, figuras geométricas, números que pensavam não existir, apesar de compará-los com o dia a dia, torna-se compreensível. Algo complexo que após explicações se torna algo mágico e prazeroso.

Considerações finais

A criança, antes da escolarização, é constantemente envolvida em atividades matemáticas, mesmo não sendo reconhecidas por ela. Um exemplo de situação que envolve aspectos quantitativos ocorre quando se pergunta à criança quantos anos ela tem ou a quantidade de brinquedos que ela possui. No decorrer da escolaridade as crianças reconhecem a Matemática como parte integrante de suas vidas.

A alfabetização Matemática permeia todas as atividades das séries iniciais. Considerando a possibilidade de um trabalho contextualizado e interdisciplinar, busca-se situar a Matemática em um contexto de apropriação dos processos de leitura e escrita.

Pensar a Matemática como componente do processo de alfabetização e letramento é importante na consolidação dos processos de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino Fundamental, de forma a propiciar a aprendizagem, modificar e transformar os erros em acertos. Sabe-se que toda a criança é naturalmente curiosa, participativa e questionadora, e que é dessa forma que ela constrói seu conhecimento, sua espontaneidade e sua autonomia.

Um processo de ensino-aprendizagem que transcenda a apropriação de conhecimentos, visando ao desenvolvimento de competências e favorecendo atitudes que conduzem à formação integral do ser humano. O conhecimento matemático é imprescindível para a formação do indivíduo e do cidadão. Muitas das realizações humanas, desde as mais simples atividades do cotidiano, envolvem procedimentos como contar, comparar, calcular.

Mas o estudo da Matemática não é relevante apenas para esses procedimentos, existem outras funções, pelas habilidades que ela mobiliza, seu estudo adequado é fundamental para o desenvolvimento do raciocínio lógico, para estruturação do pensamento, para o desenvolvimento da capacidade de estruturação do pensamento, para a capacidade de identificar e resolver problemas e da própria capacidade de aprender.

Assim, além de aplicar-se de forma imediata a questões do cotidiano, o estudo da Matemática desenvolve habilidades e competências necessárias a outras áreas do conhecimento, no âmbito individual, a metodologia adotada deve buscar o desenvolvimento cognitivo e emocional, entre outros aspectos, considerando o ser humano de um ponto de vista holístico.

No âmbito social, as atividades propostas devem incentivar atitudes éticas de entendimento, cooperação, solidariedade e fraternidade, propiciando a formação de seres livres e integrados em seu ambiente, capazes de assumir responsabilidades e empenhados em buscar soluções humanas para os problemas contemporâneos.

O domínio das diferentes linguagens estimula o pensamento e o desenvolvimento cognitivo, em particular a linguagem matemática. Visando o desenvolvimento da capacidade de utilizar seu vocabulário e suas representações para articular e expressar ideias, os temas pressupõem a comunicação e a representação dos resultados dos trabalhos. Essa comunicação pode concretizar-se com a apresentação oral de uma pesquisa, a leitura de um texto por um ou mais interlocutores, a exposição de um desenho ou outro recurso visual e a criação de jogos e brincadeiras para a apreciação dos colegas e professores.

Sobre avaliação deve-se considerar que é o elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino. A motivação para a aprendizagem deve fundamentar-se na curiosidade, no prazer, no afeto e na amizade. A função da avaliação é trazer para o professor informações sobre o processo de ensino aprendizagem, fornecendo-lhes subsídios para o aprimoramento de sua prática. Esta reflexão deve ser contínua em sala de aula, principalmente nesta fase do desenvolvimento infantil.

As avaliações são eficazes para diagnosticar não só conceitos e procedimentos, mas também habilidades e atitudes. Espera-se que em um processo de construção coletiva o aluno seja capaz de propor, avaliar e acatar regras para o convívio escolar da turma, da escola e da sociedade como um todo.

É preciso que os objetivos de ensino possam prever ações que desenvolvam nos alunos a capacidade de utilizar todo o conhecimento para solucionar situações problemas, rever o que ainda não aprendeu de modo autônomo e avançar cada vez mais no uso da linguagem.

A avaliação é movimento, ação e reflexão, à medida que as crianças realizam suas atividades, efetivam muitas conquistas: refletem sobre suas hipóteses, discutem, justificam suas alternativas, esses momentos ultrapassam o momento próprio das tarefas e não se esgotam nelas.

Portanto, pode-se destacar que foi possível atingir todos os objetivos propostos neste trabalho, que foi grande importância para a construção de conhecimentos que servirão de subsídios para a minha formação acadêmica e posteriormente para minha prática pedagógica em sala de aula.

Referências bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM 5)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CHABANE, Jean-Luc. **Dificuldades de aprendizagem: um enfoque inovador do ensino escolar**. São Paulo: Ática, 2006.

COLL, César. **Psicologia e Currículo: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

DÉDA, Marta Verônica Santana. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização infantil**. Disponível em: http://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_9.pdf. Acesso em: 14 de set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

NOVAES, M. Helena. **Psicologia escolar**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1970.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. **A importância de analisar as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar-dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia e transtorno de déficit de atenção (TDAH)**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Ed. 1, Vol. 16, p. 492-521, março de 2017. Disponível em:

<http://nucleodoconhecimento.com.br/educação/dislexia-disgrafia-disortografia>. Acesso em: 27 de out. 2019.

PAVIANI, Jayme. **O ensaio como gênero textual**. In: AZEVEDO, Tânia Maris de; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Universo acadêmico em gêneros discursivos. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

PETROLINO, Ana Paula da Silva. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita**. Brasília/DF, 2007. Disponível em: http://ufrgs.br/ceme/uploads/1382039595-monografia_Ana_Paula_da_Silva_Petrolino.pdf . Acesso em: 15 de set. 2019.

SADOVSKI, Patricia. **O ensino de matemática hoje: enfoques, sentidos e desafios**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2010.

SANTOS, Nilza Maria dos. **Problematização da dificuldades de aprendizagem**. Londrina/PR, 2009. Disponível em: <http://diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf>. Acesso em: 15 de set. 2019.

SILVA, Carlos Alberto. **Leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas de Olinda/PE**. Rev. Int. Investig. Cienc. Soc. V. 9. n 1. p. 57-74. Asunción, jul. 2013. Disponível em: http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci_arttext+&pid=s2226-40002013000100005&lang=pt. Acesso em: 19 de set. 2019.

SILVA, Eduardo Jorge Custódio da. **Transtornos do déficit de atenção com hiperatividade em adolescentes. Adolescência & Saúde**. Vol. 2, n. 2, junho 2005. Disponível em: <http://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a06.pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2020.

SILVA, Roberta Ferreira da. **Dificuldades de aprendizagem: o papel da escola e da família**. 2010. Monografia (Pós-graduação) – Universidade

Candido Mendes, Instituto a Vez do Mestre, Rio de Janeiro. Disponível em: http://avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/B001943.pdf. Acesso em: 20 de mar. de 2010.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

ZUCCHI, Bianca Barbagallo. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes**. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2012.